

SUBJETIVIDADE E DUALISMO HOMEM-ANIMAL EM *THE JAGUAR*¹, DE TED HUGHES

Subjectivity and man-animal dualism in The Jaguar, by Ted Hughes

Aline Cristina da SILVA

Programa de Pós-Graduação em Letras

Universidade Estadual de Maringá

a.linecdslv@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2140-7075>

RESUMO: Este trabalho objetivou traçar um paralelo e estabelecer uma conversa entre os dualismos de homem e animal. Para que esta discussão se articulasse dentro do campo literário, escolhemos como objeto de pesquisa o poema *The Jaguar* (1957), de Ted Hughes. Iniciamos nossa discussão passando pelos princípios narrativos poéticos e estabelecemos uma conexão entre os estudos de Descartes e Heidegger, filósofos que discutem os animais e a animalidade. Para além disso, discutimos a historicidade do autor e analisamos o poema de Hughes a partir da perspectiva do olhar e do aprisionamento animal e a relação dialética entre seres humanos e não-humanos; a partir dessa reflexão, tecemos novos olhares para a subjetividade animal. Baseamos nossas ideias no bestário de Sax (2001), nos estudos acerca do aprisionamento animal proposto por Berger (2003), além das pesquisas relacionadas ao *pathos* do animal feitos por Singer (2004) e Nunes (2011), e, quanto ao olhar do animal, as ideias basilares foram fundamentadas por Derrida (2002). **PALAVRAS-CHAVE:** Dualismo homem-animal; Subjetividade animal; Animal não genérico; Simbologia.

ABSTRACT: This work aimed to draw a parallel and establish a conversation between the man-animal dualisms. For the discussion to be articulated within the literary field, the poem *The Jaguar* (1957), by Ted Hughes, was chosen to be the object of this research. We began our research by going through the poetic narrative principles and we established a connection between the studies of Descar-

¹ Optamos por manter o título e o poema em seu idioma original para permanecermos com as ideias mais próximas possíveis àquelas propostas pelo autor. As traduções dos versos do poema feitas ao longo desse artigo serão traduções poéticas de estudo feitas por nós, para fins analíticos. Possíveis traduções de *The Jaguar* para o português seriam *O jaguar*, *A onça* ou *A onça-pintada*, portanto quando usarmos uma dessas traduções estaremos nos referindo ao poema.



tes and Heidegger, philosophers who discuss animals and animality. In addition, we discussed the author's historicity and analyzed Hughes' poem from the perspective of animal gaze and imprisonment and the dialectical relation between human and non-human beings; from this reflection, we weave new perspectives on animal subjectivity. **KEYWORDS:** Man-animal dualism; Animal subjectivity; Non-generic animal; Symbology.

Homem, não se orgulhe da sua superioridade em relação aos animais, pois eles não têm pecado, enquanto você, com toda a sua grandeza, contamina a terra por onde quer que apareça e deixa um rastro ignóbil atrás de você – e isso é verdade, infelizmente, para quase cada um de nós!

(Fiódor Dostoiévski)

UMA BREVE INTRODUÇÃO

Considerando a visão negativista sobre os animais na sociedade em que vivemos, como vimos na epígrafe desse artigo, resolvemos discutir um pouco mais sobre como esses animais estão presentes e retratados no poema *The Jaguar*, de Ted Hughes. Escolhemos um poema, pois de acordo com Guida e Freitas (2016, p. 229), “[...] no espaço literário, acreditamos que as fronteiras entre o homem e o animal estão bem mais resolvidas do que em qualquer outro espaço.”, ou seja, o espaço poético permite que compreendamos a subjetividade das outridades animais.

Para que entendamos a simbologia e os significados ilustrados no poema de Hughes, abordaremos as ideias de alguns teóricos. Em primeiro plano, discutiremos a questão da narrativa poética e como esse espaço é amplo e não limita a poeticidade animal (MACIEL, 2011). Na poesia, pensar o animal é, automaticamente, pensar o ser humano, pois ambos são seres plurivalentes no mundo.

Partindo dessa premissa, discutiremos as ideias de Derrida, em seu livro *L'animal que donc je suis*, de 1957². Derrida, com sua visão pós-estruturalista, quebra com o pensamento idealizado de sua época que colocava o animal abaixo do ser humano, inferiorizando-o. Nomes como Descartes – filósofo francês – e Heidegger – filósofo alemão – argumentavam que os animais são desprovidos de sistemas linguísticos, de raciocínio e de consciência, portanto, não podem ser equiparados aos seres humanos.

² A versão usada nesse artigo é a que foi traduzida para o português por Fábio Landa (2002). Vide referências.

Mais à frente permearemos uma discussão sobre como a poesia é o local adequado para que o animal se ascenda em sentidos, compilando as ideias de Lethbridge e Mildorf (2003) e Maciel (2011). As três autoras basilares para essa fundamentação afirmam que a poesia é responsável por ecoar essa linguagem que por muitos é esquecida e depreciada. A poesia, através dos seus símbolos e sua carga de subjetividade, exterioriza a significação do pensamento e do agir do animal.

Após articularmos tais bases, apresentaremos um pouco sobre a vida do poeta Ted Hughes, coordenados pelos pressupostos do próprio autor em seu livro *Letters of Ted Hughes* (2011) e Malay (2018), em seu livro *The figure of the animal in modern and contemporary poetry*. Ambos contam como foram edificados, aos longos dos anos, os pensamentos do autor acerca dos animais.

Em nossa última seção abordaremos o poema e o analisaremos, levando em conta os pressupostos teóricos que discutiremos. A análise do poema se dará na seguinte sequência: primeiramente o título será posto em cheque, tendo em vista o bestiário de Sax (2001), logo após falaremos da ambientação do poema, que se passa em um zoológico, e como essa ambientação é problemática, socialmente e eticamente falando, a partir das ideias de Singer (2004) e Nunes (2011) e por fim, discutiremos o olhar do animal, partindo do pensamento derridiano sobre os animais. Iniciemos, pois, falando sobre a conjectura narrativa do poema de Ted Hughes.

O ANIMAL, A ANIMALIDADE E O DISCURSO GENÉRICO

Como já considerado por Maciel (2011, p. 87), a narrativa poética é um dos espaços que possibilitam o enquadramento da chamada animalidade. A autora ainda reforça que isso acontece, pois “[...] a poesia propicia uma inscrição possível da animalidade no corpo da escrita, ela também viabiliza um encontro, ainda que fictício, entre o humano e a sua própria outridade animal.”, ou seja, o indivíduo encontra na representação animal a forma com o qual ele se expressa ao mundo.

Dito isto, é interessante pontuarmos que nem sempre essa exposição da natureza humana por meio do animal é considerada algo positivo, visto que o ser humano é dotado de características majoritariamente más quando se trata de animais. A exteriorização dos sentimentos e das ações humanas, projetadas em animais, acaba, como pontuado por Maciel (2011, p. 86), distanciando o humano de suas características categoricamente positivas e justapondo a violência, a agressividade e o aprisionamento dos animais, expondo, assim, a sua animalidade de forma pejorativa.

Em seu livro *L'animal que donc je suis* (1997), Derrida desdenha dos filósofos e pesquisadores que depreciam e/ou descartam a condição animal e o animal em si de suas falas. Para o filósofo há uma falácia em que os animais são tidos como inferiores e que aos humanos é conferido grau de superioridade sobre eles, isso porque segundo alguns estudiosos eles são desprovidos da razão, da lógica, da cognição e da linguagem humana; hoje temos consciência que isto não é verdade, mas já houveram opiniões contrárias.

Descartes, por exemplo, afirmava que os animais são máquinas e nenhuma afirmativa que viesse de encontro a essa era aceita por ele, pois o animal, em seu ponto de vista, não tem o complexo linguístico e nem a racionalidade humana. Heidegger, em sua obra *Ser e tempo* (1927), ignora toda e qualquer possibilidade de que o animal possa ter resquícios de temporalidade e que sua essência possa estar presente no mundo. Esse fato vai de encontro ao que ele postula aos seres humanos, que em sua teoria são o *Dasein*³, isto é, são autossuficientes e encontram-se presente e sempre em evolução nesse mundo; os animais seriam o contrário do *Dasein*. Derrida (2002) ainda afirma que a poesia é um gênero literário singular que abre espaço para se expor a poeticidade do animal, uma vez que, de acordo com Lethbridge e Mildorf (2003, p. 142), ela é multilíngue e pode englobar em sua composição temas diversificados, além de expressões e recursos que ativam algum tipo de sentimento, seja de alegria, tristeza ou fúria, no leitor.

Os recursos poéticos podem ser os mais diferentes possíveis, como aliteração, rimas, assonância, hipérbole, sinestesia, entre outras figuras de linguagem. Nessa pesquisa consideraremos o animal como um dos propagadores dessas figuras de linguagem e analisaremos as formas como eles são representados. De acordo com Derrida (2002, p. 22), caso o animal tenha algum saber subjetivo, que ele designa como pensamento, esse saber só pode ser expresso através da poesia. Acreditamos que ele tenha essa linha de pensamento, pois somente na subjetividade poética e na linguagem fragmentada abarcada por ela, que o ser se tece como indivíduo no mundo, e, então, o animal pode ter a visibilidade poética dele.

A poesia e suas peculiaridades estéticas abarcam a subjetividade animal, mas não é somente esse gênero que está habilitado a trabalhar com as figurações do animal. Romances como o clássico *Animal Farm* (1945) de George Orwell, em que os animais são personagens protagonistas e, em tom satírico pensam em estratégias para uma revolução, ou *Cujo* (1981), de Stephen King, que um cachorro, após ser mordido por

³ Termo heideggeriano, em alemão, que designa o 'ser-aí'. O ser-aí é uma expressão existencialista que se relaciona com o ato de ser em sua essência, e compreende o ser como entidade, que existe pelo próprio fato de estar aí. Para Heidegger, esse ser está sempre em processo de evolução, inserido no mundo e é parte essencial dele.

um morcego do mau, enquanto perseguia um coelho, se torna o pior pesadelo de um dos personagens, são exemplos de protagonismo animal na prosa.

Na cinematografia, os animais também não são deixados de lado em termos de protagonismo. A série de filmes de *Beethoven* (1992), contaram ao público a história de um cachorro da raça São-Bernardo que aprontava peripécias no veterinário e na casa em que morava com seus tutores. Outro exemplo é o filme de animação *Ratatouille* (2007), que trouxe aos cinemas o ratinho cozinheiro mais famoso que já existiu. A poesia é rica em protagonismo animal, mas as outras artes que citamos também têm nível de agência para representar o animal.

Se a poesia, que é o gênero que estamos trabalhando, é capaz de abraçar toda a linguagem fragmentada do animal, podemos dizer que, de praxe, o poeta é o fio condutor dos versos e estrofes e ele, em seu trabalho como guia para aquilo que não entendemos, no caso, a linguagem animal, deve ter a destreza de expressar, através da linguagem verbal, a linguagem animal. Maciel (2011, p. 95) aponta que o poeta não pode ser colonizador e se apropriar da linguagem do outro, não pode depreciá-la e nem a rebaixar, impondo soberania ao ser humano, pois, afinal, ele também tem uma linguagem autônoma e dominante.

O animal, em muitas obras, tem apenas um polo narrativo, ou melhor dizendo, ele é monovalente. Muitos são inseridos na diegese de forma genérica, como mais um dos figurantes da narrativa, e não são tratados como sujeitos ativos e agentes dos fatos ocorridos. É interessante pensar o animal como sujeito da narrativa (MACIEL, 2011, p. 95), uma vez que eles são multifacetados em sentidos.

Há, em alguns escritores e em diversos seres humanos, a intensa busca pelo significado do que um animal pensa ou deixa de pensar, mas vale refletir: *os humanos não são seres autossuficientes, complexos, com domínio da linguagem verbal e dotados de inteligência? Por que somos seres 'soberanos' e nos preocupamos em querer desvendar a outridade animal?*

Para tais perguntas há diversas respostas, mas a que mais se atém ao nosso pensar é a de que quando o ser humano se sente ameaçado, ele busca, de alguma forma, entender a ameaça para poder subestimá-la e se sobrepor a ela. Não estamos tentando afirmar que os animais ameaçam os seres humanos, alegamos o exato inverso. Os humanos são seres predadores e ameaças iminentes aos animais porque sentem medo de serem dominados pelo outro, ou seja, vivem em crise existencial.

O ser humano não é preparado para a dualidade entre ele e os animais. De acordo com Nunes (2011, p. 13),

Aquele considerado estranho à cultura grega ou à sua área de influência; estranho que normalmente era considerado também adversário; o diferente se tornava o oposto, e o oposto se tornava inimigo. Na nossa cultura encontramos essa relação entre diferente e oposto, diferente e inimigo, no nexos havido entre nós e esses outros, entre nós e o animal, ou entre nós e os primitivos. (NUNES, 2011, p. 13)

Os animais, na concepção descrita acima, estão localizados à margem. São destituídos da categoria de sujeito pois os seres humanos o compreendem como estranhos. O dualismo dessas ideias acontece, pois, o ser humano, em sua visão supremacista, não reconhece o lugar pertencente aos animais e os identifica como seres inferiores e estranhos, isolando-os da sociedade e da subjetividade da narrativa literária.

Na sociedade moderna, a ambivalência animal perde seus preceitos e estes são subjulgados pelos seres humanos, porém, na poesia, os animais ganham notoriedade exclusiva e são vistos como indivíduos, assim como os seres humanos. Os animais são constituídos de subjetividade, portanto, sujeitos (MACIEL, 2011, p. 96), porém alguns teóricos como já citado anteriormente (Descartes e Heidegger), não compactuam com essa ideia. Lacan⁴, por exemplo, argumenta que os animais são usados na narrativa somente como símbolos, pois eles não têm a consciência humana.

A poesia faz o trabalho inverso do que esses pensadores postulam, e resgata os valores deixados à margem, entendendo o animal como sujeito agente e receptor das ações narrativas, como ‘eu lírico’. Derrida, nas palavras de Maciel (2011, p. 98),

Vem evidenciar o que muitos poetas já disseram, obliquamente, através da poesia: que a travessia das fronteiras entre as esferas humana e não humana consiste em reconhecer, ao mesmo tempo, as diferenças que distinguem os homens dos outros animais e a impossibilidade de essas diferenças serem mantidas como instâncias excludentes, uma vez que os humanos precisam se aceitar como animais para se tornarem humanos. (MACIEL, 2011, p. 98)

Na poesia, as esferas humanas e não humanas se encontram e se unem para que a complexidade de sentidos seja pronunciada e a mensagem poética seja passada. Nesse gênero literário, os animais não carregam apenas cargas simbólicas, mas protagonizam histórias e evidenciam a maldade humana.

⁴ Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981) foi um psiquiatra e psicanalista francês. No ápice de sua carreira como psiquiatra, resolveu fazer um ‘retorno’ aos estudos de Sigmund Freud, considerado o pai da psicanálise.

O AUTOR

Edward James Hughes e seu contato com animais não é algo novo que foi inserido somente na poesia. O autor, mais conhecido como Ted Hughes, que nasceu em West Yorkshire, em 1930, “cresceu cercado por paisagens áridas selvagens e grandes fazendas, e sempre ia procurar por animais, sozinho ou na companhia de seu irmão, Gerald.”⁵ (MALAY, 2018, p. 97). Essa troca de experiências e vivências com os animais fez com que a sua poesia enriquecesse de forma considerável. Ainda criança, ele praticava atividade de caça com o irmão, mas aos poucos o seu comportamento em relação aos animais foi se tornando diferente. Como dito por Malay (2018, p. 98),

‘Tudo isso foi apenas o começo’, contudo, as atitudes de Hughes para com os animais mudaram gradativamente. Por volta do seu décimo quinto aniversário, ele se ‘acusou’ por ‘perturbar a vida deles’ e ‘começou a olhar para eles’ a partir do ‘próprio ponto de vista deles’ - momento que coincidiu com o próspero interesse na poesia.⁷ (MALAY, 2018, p. 98)

Malay (2018, p. 98) ainda cria um paralelo e diz que a caça e a poesia não eram dois dos interesses de Hughes, pois ele entendia ambos como um único interesse. O caçador de animais selvagens presta atenção no ritmo compassado, nas expressões, na destreza do caminhar do animal, preza pelo silêncio e busca capturar o ser vivo para aprisioná-lo e/ou sacrificá-lo.

A poesia faz o mesmo percurso, é constituída por ritmos, expressões concretas e abstratas, tempos, espaços e silêncios (que são desencadeados pelas figuras de linguagem). É notório que a poesia enlaça diversos sistemas linguísticos, além da subjetividade do ser, mas o intuito final é o mesmo: o de capturar os oblíquos espaços internos do ser; a diferença é que a poesia não mata, nem aprisiona, ela edifica e liberta.

Ted Hughes achava animais como a raposa, a onça-pintada e as aves de rapina deslumbrantes (MALAY, 2018, p. 98) e não é à toa que ele os retratava em seus poemas. Um dos poemas mais conhecidos de Hughes é *The Thought-Fox* (1973) em que uma

⁵ Citação original, em inglês: “grew up surrounded by wild moors and large farms, and would often go looking there for animals, either alone or in the company of his brother, Gerald.”

⁶ Traduções de citações para o português neste artigo são por nossa conta.

⁷ Citação original, em inglês: “‘All that was only the beginning’, however, for Hughes’s attitude to animals gradually changed. Around his fifteenth birthday, he ‘accused’ himself of ‘disturbing their lives’ and ‘began to look at them’ from their ‘own point of view’—a moment which coincided (fatefully, in this account) with his flourishing interest in poetry.”

raposa aparece como símbolo de inteligência, de ideias e imputa significação ao eu lírico que está fadado das suas ideias nulas.

The hawk in the rain (1957) é um dos poemas em que o animal não é apenas um símbolo ou uma alegoria, ele é o *Dasein*, um ser-no-mundo que luta contra as violentas tempestades do próprio ser, mantendo sempre equilíbrio para não cair, enquanto o ser humano é retratado como um ser fraco que vê o seu fim próximo quando o vento violenta canta nas surdinas. Hughes, nesse poema, dá voz ativa ao animal, que é o eu lírico e o sujeito de todas as ações e o coloca em um pedestal superior aos seres humanos que sempre os inferiorizam, ou seja, ele rompe com a forma genérica de se representar um ser não humano na narrativa. Além disso ele traça um comparativo, colocando o ser humano e o animal em contraste e em posições inversas, para que a narrativa seja mostrada a partir do eu lírico, que no caso é o ser não humano.

THE JAGUAR, DE TED HUGHES

Figura 1: Escultura de *The Jaguar*, feita por Ted Hughes (1967)⁸.



Fonte: Fotografia de Antonio Zazueta Olmos / Antonio Olmos para o site britânico de notícias, *The Guardian* (2011).

⁸ De acordo com a jornalista Dalya Alberge (2011), que escreveu a notícia em que encontramos a imagem da escultura, a família de Ted Hughes afirma que o poeta fez tal escultura e, na face do animal, ele fez uma representação de seu próprio sofrimento como ser humano. A escultura foi feita no ano de 1967 e a poeta Sylvia Plath, esposa de Ted Hughes, que na ocasião se encontrava viúva e em um relacionamento com outra mulher, havia falecido anos antes, em 1963, vítima de suicídio. Não entraremos nos pormenores, mas há estudos que afirmam que o casamento dos poetas era conturbado.

Nessa pesquisa, o poema escolhido para análise foi *The Jaguar* (1957) que sustentará discussões acerca de simbologia e outridade animal, além da questão social em que os animais são inseridos. Em seu livro *Letters of Ted Hughes* (2011), Hughes conta que durante um período de tempo, no ano de 1954, ele trabalhou como orientador de estacionamento em um zoológico, e da janela da cozinha onde ele ficava, ele conseguia enxergar um jaguar que ficava preso em uma jaula na área de trânsito. Este jaguar marcou algum espaço de sua mente, pois em 1957 ele escreveu *The Jaguar*, poema-objeto dessa pesquisa. Vejamos, pois, o poema a seguir:

The Jaguar⁹

- 1 The apes yawn and adore their fleas in the sun.
- 2 The parrots shriek as if they were on fire, or strut
- 3 Like cheap tarts to attract the stroller with the nut.
- 4 Fatigued with indolence, tiger and lion

- 5 Lie still as the sun. The boa-constrictor's coil
- 6 Is a fossil. Cage after cage seems empty, or
- 7 Stinks of sleepers from the breathing straw.
- 8 It might be painted on a nursery wall.

- 9 But who runs like the rest past these arrives
- 10 At a cage where the crowd stands, stares, mesmerized,
- 11 As a child at a dream, at a jaguar hurrying enraged
- 12 Through prison darkness after the drills of his eyes

- 13 On a short fierce fuse. Not in boredom—
- 14 The eye satisfied to be blind in fire,
- 14 By the bang of blood in the brain deaf the ear—
- 15 He spins from the bars, but there's no cage to him

- 16 More than to the visionary his cell:
- 17 His stride is wildernesses of freedom:
- 18 The world rolls under the long thrust of his heel.
- 19 Over the cage floor the horizons come.

(HUGHES, 2015)

⁹ As enumerações são para fins de retomada dos versos no decorrer da análise.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO POEMA

Iniciemos, pois, nossas considerações acerca do poema a partir do título. Como vimos acima, a fauna de Ted Hughes é vasta, e dentre todas as possibilidades de escolha de animais, Hughes escolheu a onça-pintada. Levando em conta que ele se inspirou na onça-pintada que via através da janela da cozinha do zoológico em que ele trabalhava em Londres (HUGHES, 2011) e o fato de a onça-pintada ser um animal originário da América Latina (SAX, 2001), podemos estabelecer uma crítica, pois o animal se encontra fora do seu hábitat natural, não por vontade própria, mas por interferência do ser humano.

O poema se ambienta, como já dito, em um zoológico. Tal ambiente compete um dualismo de ideias: estar preso ou ser livre, ser humano e animal. De acordo com Berger (2003, p. 31), “[o]s zoológicos, com sua decoração teatral, na verdade [são] demonstrações da total marginalização dos animais”, além de ser uma complexa “[...] demonstração das relações entre homem e animais; nada mais que isso.” Ao nosso ver, alinhado às percepções de Berger (2003), o zoológico é um fruto das relações sociais e emana formas que o ser humano achou para criar espetáculos encapsulados na ideia de aprisionamento e de ver o outro, o outro o qual nos referimos é o animal, como ser inferior. Passamos, pois, aos versos e estrofes que nos convém analisar.

Na primeira e segunda estrofes do poema, versos 1-8, acompanhamos uma descrição e ambientação feita pelo eu lírico que percorre um zoológico e nele encontra diversos animais. O poema descreve diferentes jaulas, uma tem macacos bocejando e se coçando devido às pulgas, outra aprisiona papagaios que estão gritando pedindo nozes. O leão e o tigre, que são animais considerados ferozes, estão deitados tomando sol e a serpente é retratada como um fóssil, pois nem se mexe na jaula.

A descrição demonstra como o ambiente estava acometido pelo tédio, e zoológicos, em geral, são lugares feitos por seres humanos para puramente diversão humana. Muitos dos animais são retirados de seus lugares de origem e transportados por duras vias para ficarem expostos em jaulas para que os humanos se distraiam em dias de lazer. É interessante pontuarmos o sofrimento animal. Nos versos 10, 11, 12 e 13 podemos observar que “[...] a multidão se levanta, olha fixamente, mesmerizada / Como uma criança em um sonho, para uma onça-pintada correndo enfurecida / Através da escuridão da prisão sobre seus olhos penetrantes / Em um rastilho curto e feroz”, ou seja, o animal está enfurecido de estar preso na jaula, enquanto serve de objeto para os visitantes do zoológico o observarem. O animal, que se rebela contra as celas que o impõe limite de espaço, é visto como atração principal por estar mostrando sua natureza selvagem.

O comportamento feroz do animal somente justifica as condições às quais ele se encontra, e essa é uma evidência da dor que ele provavelmente está sentindo. É necessário pensar que

Quase todos os sinais externos que nos levam a inferir a existência de dor em outros seres humanos podem ser observados em outras espécies [...]. Os sinais comportamentais incluem contorções, contrações de rosto, gemidos, ganidos, ou outra forma de apelos, tentativas de evitar a fonte da dor, demonstrações de medo diante da perspectiva de repetição, e assim por diante. (SINGER, 2004, p. 12)

O animal nesse poema se manifesta ferozmente por estar aprisionado, corre, no pouco espaço que tem, cheio de fúria. Não é necessária uma linguagem verbal para que se possa entender que ele se encontra em desespero.

Ao falarmos de linguagem verbal, é válido pensar de acordo com as ideias Singer (2004, p. 17) que questiona aos leitores se seríamos capazes de impor sofrimento a um bebê humano, pois ele também não tem a linguagem verbal. Assim como o bebê, o animal gesticula o que sente. De acordo com Nunes (2011, p. 16), “[o]s animais sentem dor, os animais sofrem, têm um sistema nervoso com terminações que são portadoras de estímulo doloroso, daí a necessidade de falar dessa libertação [libertar os animais da submissão ao homem].” No poema temos o registro de que “Ele gira nas barras [da jaula] [...]” (verso 15, quarta estrofe) e entendemos que esse ato seja uma das formas de ele pedir ajuda para se libertar da jaula que o aprisiona, que no caso são as barras da jaula e o ser humano que comete tal ato.

Ainda no verso 15, o eu lírico nos conta que “[...] não há jaula para ele [o animal]”, o que soa irônico, pois o animal está na jaula. Ao mesmo passo que soa irônico, reforça que o animal não está se entregando ao fato de estar preso, ele está recusando o que fizeram a ele e lutando para ficar livre novamente.

É possível perceber que Hughes presta um tributo à majestosidade do animal, uma vez que o descreve como um animal forte e poderoso. Nos versos 16 e 17 vemos que o poeta o descreve como um animal visionário: “Mais do que para o visionário, sua cela: / Seu passo é selvagem para a liberdade:”. Em plano material, ser visionário seria ter ideias além do plano que se encontra. A onça-pintada descrita é visionária pois sabe que não pertence àquele lugar, sabe que foi forçada a estar ali e sonha com a sua liberdade.

No terceiro verso da última estrofe (18), o eu lírico nos informa “Que o mundo rola sob o longo impulso de seu calcanhar”, ou seja, o animal não está calcado a nenhum ser humano, ele é o dono de seu próprio mundo e mesmo na situação em que se encontra,

ele impulsiona o mundo em que vive, pois ele é motivo para que seres humanos paguem ingressos para observá-lo. Hughes mostra que ao contrário do que é bíblicamente postulado acerca dos animais – que eles são feitos para o homem utilizar (NUNES, 2011, p. 17) – eles são dotados de valores próprios, e, mesmo em situações de risco, são fortes, poderosos e soberanos, buscando vias de fuga do lugar onde são forçadamente encaixados.

No decorrer do poema, mais precisamente no verso 14 da quarta estrofe, há vestígios de como está o olhar desse animal forte e feroz: “O olho satisfeito de estar cego no fogo,”. Derrida (2002, p. 31) discute a questão do olhar animal e manifesta que

Como todo olhar sem fundo, como os olhos do outro, esse olhar dito “animal” me dá a ver o limite abissal do humano: o inumano ou o a-humano, os fins do homem, ou seja, a passagem das fronteiras a partir da qual o homem ousa se anunciar a si mesmo, chamando-se assim pelo nome que ele acredita se dar. (DERRIDA, 2002, p. 31)

O animal, que está preso no escuro da jaula, em *The Jaguar*, fica cego em decorrência da pouca luz ambiente, esse olhar do fundo, de um animal subjugado a péssimas condições de sobrevivência, relata diretamente o comportamento inumano de prendê-lo em um lugar tão abissal. Sincronicamente, esse olhar anuncia a recusa do animal de ser visto como mais um espetáculo do zoológico e, revela tanto o pathos quanto o poderio concernente ao animal.

Se, em contrapartida, considerássemos o olhar humano perante o animal, a carga semântica seria distinta, pois seria o olhar do ser humano (livre) em face do animal (preso). Hughes partia do princípio do animal não genérico, ou seja, os animais por ele retratados não eram vagos e, de fato, constituíam sentidos. O olhar do jaguar nesse poema compete diferentes simbologias, mas detalha, de forma arbitrária, a soberania do animal.

Estes animais constituintes de sentidos, se pensarmos por uma vertente pós-humanista, por exemplo, representam a nova forma de pensar os seres não-humanos. O pós-humanismo se caracteriza por ser uma corrente que responde às ideias humanistas, entendendo as limitações humanas e as colocando em xeque com o restante do mundo. De acordo com Rosi Braidotti, em seu livro *Posthuman knowledge* (2019), a intenção é se livrar da ideia de binarismos, e entender que os seres não-humanos, para a nossa análise, os animais, estabelecem relação dialética com os humanos, portanto, eles não são seres genéricos.

O negativismo humano perpassa os animais e a natureza, de forma geral. O olhar do ser humano se estreita para a natureza e a postula como inferior e para os animais não é diferente, os depreciam quanto seres viventes. Hughes (2011) comenta que a ignorância

humana está presente em muitos indivíduos que dizem apreciar a natureza, enquanto, na realidade, são cruéis com ela.

No último verso do poema (19), o poeta relewa que “Pelo chão da cela vem os horizontes.” A onça-pintada, possivelmente, enxerga que os horizontes vindouros seriam possíveis se, na situação do aqui-agora, ela tivesse contato com o chão do zoológico e não o da cela. Esse verso também ilustra o sofrimento do animal que se encontra limitado pelas barras, pelo chão da jaula e pela maldade humana; o animal passa dias e noites, observando os horizontes irem e virem, em um possível sonho quimérico com um lugar em que ele possa ser ele mesmo e encontrar a liberdade.

REFLEXÕES FINAIS

Como visto a partir da nossa breve análise, o poema é uma ode aos animais e a soberania da natureza; o ser humano a viola e entende os animais como meros construtos do mundo onde vivemos. Ted Hughes desvela os valores dos animais e vai além da simbologia; o autor entende eles como sujeito do mundo, assim como os humanos, e revela que para que possamos nos entendermos como seres humanos, precisamos entender e respeitar a ética animal.

Abordamos as questões linguísticas e afirmamos que nesse poema o animal é dotado de uma linguagem própria, não verbal, mas impactante. O jaguar se expressa através dos seus olhares, da sua fúria, que é expressada através dos olhos que se contentam em estarem cegos de fogo e nos estrondos de sangue que partem de suas ondas cerebrais (HUGHES, 2015, versos 14 e 15), além do ponto de vista das celas que o prende, o eu lírico mostra ao leitor, através de seus olhos, a liberdade que há para além da cela.

Percebemos, também, através da discussão sobre o que o zoológico representa, que os seres humanos normalizam questões que deveriam ser discutidas, como o fato do aprisionamento forçado pelo qual os animais são compelidos. Os animais não são, eticamente falando, valorizados, eles são retirados de seus meios para que sirvam de vitrine e espetáculo para os seres humanos, que o inferiorizam.

Em contrapartida, os animais são seres relevantes independentemente do meio em que vivem ou são inseridos. Na natureza eles desempenham papel fundamental em se tratando de biodiversidade, no recinto preso de um zoológico, eles são seres principais e plurivalentes, pois, por mais que sejam desvalorizados e desmoralizados, eles servem como símbolo de superioridade, para que entendamos suas forças e seus natos potenciais de soberania.

REFERÊNCIAS

- ALBERGE, Dalya. *Ted Hughes's jaguar sculpture hints at poet's demons*. The Guardian, Londres, 31 de dez. de 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2011/dec/31/ted-hughes-jaguar-sculpture-sale>. Acesso em: 25 de out. de 2020.
- BERGER, John. *Sobre o olhar*. Tradução de Lya Luft. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.
- BRAIDOTTI, Rosi. *Posthuman knowledge*. Cambridge: Polity, 2019.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- GUIDA, Ângela; FREITAS, Camila. *Outridades Animais: diálogo literário-filosófico*. In: OLIVEIRA, Nelson (org.). *Animal: humano, animal e animalidade*. Curitiba: PUCPress, 2016.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- HUGHES, Ted. *Hawk in the rain*. Londres: Faber & Faber, 2015.
- HUGHES, Ted. *Letters of Ted Hughes*. Londres: Faber & Faber, 2011.
- LETHBRIDGE, Stefanie; MILDORF, Jarmila. *Basics of English studies: An introductory course for students of literary studies in English*. Freiburg University, Freiburg im Breisgau, 2003.
- MACIEL, Maria Esther. *Poéticas do Animal*. In: MACIEL, Maria Esther. *Pensar/Escrever o Animal*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- MALAY, Michael. *The figure of the animal in modern and contemporary poetry*. Londres: Springer Nature, 2018.
- NUNES, Benedito. *O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura*. In: MACIEL, Maria Esther. *Pensar/Escrever o Animal*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- SAX, Boria. *The mythical zoo: an encyclopedia of animals in world myth, legend, and literature*. Santa Bárbara: ABC-CLIO, 2001.
- SINGER, Peter. *Libertação Animal*. Tradução de Marly Winckler. Porto Alegre: Lugano, 2004.

Recebido em: 08 fev. 2021.

Aceito em: 24. mar. 2021.